

Um processo de produção de sinalários sobre sinais de pesquisadores em AD/HIL: por uma divulgação de saberes

A process of producing signals about signals from researchers of AD/HIL: towards a dissemination of knowledge

DOI 10.20396/lil.v27i00.8676666

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki
UERJ

Luciane Cruz Silveria
INES

Magno Prado Gama Prates
UNIR

Jessica Silva Cosso
UERJ

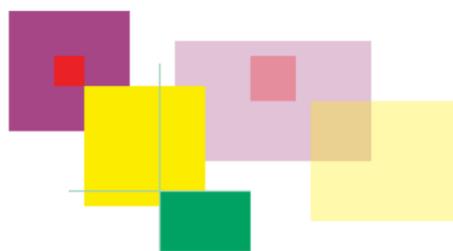
Resumo

Neste artigo, trazemos como embasamento teórico o aporte da Análise de Discurso materialista em confluência com a História das Ideias Linguísticas (HIL), e buscando trabalhar, especificamente, a produção de um sinalário em Libras a respeito de nomes próprios de pesquisadores(as) da área da AD e HIL. O objetivo é formular e registrar esses sinais, de forma a contribuir na atuação de tradutores e intérpretes de Libras, além da divulgação para o uso entre docentes e discentes, de forma a fazer circular os saberes produzidos na interseção das duas áreas.

Palavras-chave Análise de discurso; História das Ideias Linguísticas; Libras; Sinais.

Abstract

In this article, we bring as a theoretical basis the contribution of materialist Discourse Analysis in confluence with the History of Linguistic Ideas (HIL), and seeking to work specifically on the production of a sinalário in Libras regarding the proper names of researchers in the area of AD and HIL. The objective is to formulate and register these signs, in order to contribute to the work of Libras translators



and interpreters, in addition to disseminating them for use among teachers and students, in order to circulate the knowledge produced at the intersection of the two areas.

Keywords: Discourse Analysis; History of Linguistic Ideas; Libras, Signs.

Introdução

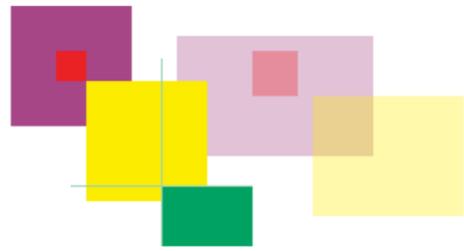
Por toda a interdição histórica, a Língua Brasileira de Sinais - Libras¹ (assim como outras línguas de sinais) não comparece como base material da sintagmatização do discurso acadêmico. Por conseguinte, o pesquisador surdo é invisibilizado. Como nos lembram Vieira e Silva (2020, p. 232), “[a] escola, muitas vezes, é o único espaço em que a língua de sinais circula”. Nos demais espaços, complementam as autoras, “em que circula apenas língua portuguesa, oral e Oficial, o surdo se vê silenciado” (idem). E mais do que isso, o sujeito surdo, segregado por essa diferença linguística, não se insere em outros espaços de enunciação, como no espaço acadêmico.

No cenário descrito, como tal pesquisador surdo é instado a comparecer na universidade? E suas pesquisas? Ainda podemos continuar com outros questionamentos, mesmo que ainda sem resposta: como os sujeitos surdos se apropriam de determinadas teorias? Como se daria tal apropriação no que se refere, especificamente, à Análise de Discurso materialista (AD) e à História das Ideias Linguística (HIL)?

Embora os estudos sobre sinais em Libras baseados na AD materialista e na HIL sejam recentes, temos visto um crescente interesse nessa relação em diversas instituições em várias regiões do país. No presente artigo, temos como objetivo principal revisitar as pesquisas já realizadas sobre a relação da AD e da HIL com certos sinais produzidos em Libras. Trata-se, portanto, de um trabalho que se dá na confluência entre essas duas áreas.

Desta feita, três pesquisadores surdos e uma pesquisadora ouvinte investigaram a formulação de sinais em Libras, ou seja, o chamado ‘batismo de sinal’, usados

¹ A Libras é um sistema linguístico cuja materialidade é espaço-visual, com estrutura gramatical própria, oriundo das comunidades surdas.



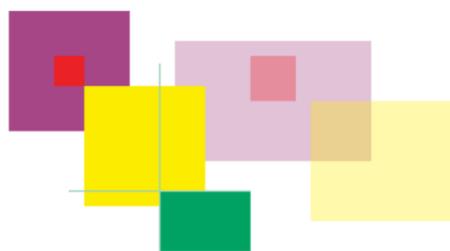
para representar nomes próprios, tendo como possível suporte características físicas, comportamentos marcantes, manias, apelidos etc. Neste ensejo, o artigo está dividido em três partes. A primeira trata da fundamentação teórica da AD e da HIL, em que se busca, dentre outros aspectos, revisitar pesquisas sobre sinalários em Libras. A segunda tem como proposta apresentar os procedimentos metodológicos para a produção de um sinalário de sinais de nomes de pesquisadores. Por fim, na última parte, há as listas de tais sinais daqueles que integram as duas áreas. Ademais, conta-se com código QR para acessar os respectivos vídeos em Libras.

1. Entre sinais de nomes e princípios teóricos

A partir de mudanças advindas por força de lei, deram-se novas formas de circulação da Libras em outros espaços de enunciação (Guimarães, 2005), como o espaço acadêmico. Mesmo antes dessas mudanças, pode-se observar que, na década de 1980, no Brasil, pesquisadores bilíngues, bem como surdos de diversas áreas do saber, iniciaram um movimento em prol da valorização da Libras em diferentes Instituições de Ensino Superior (IES). Décadas após, como uma das consequências desse movimento, outros funcionamentos foram observados, dentre os quais destacamos o processo de nomeação de pesquisadores de diversos campos de conhecimento, assim como certa conceituação teórica da AD e HIL em Libras.

Cabe lembrar que, como salientam Vieira e Silva (2020, p. 222), “o ato de nomear, em Libras, ocorre por outro funcionamento linguístico”, distinto daquele produzido em Língua Portuguesa, já que põem a funcionar uma língua cuja materialidade é espaço-visual. Por meio de novos processos de nomeação nessa língua de sinais, observamos uma movência na produção de efeitos de sentido. Nomear, nesta perspectiva, pode ser compreendido como a possibilidade de existir socialmente. Afinal, “[q]uando o sujeito surdo nomeia, ele não se apropria da língua, mas a coloca em funcionamento. Ao ocupar posição no acontecimento da nomeação, o sujeito surdo, afetado pelo interdiscurso, produz sentidos outros” (Vieira; Silva, 2020, p. 223).

Devemos destacar que para Guimarães (2005, p. 9), “[a] nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome [...]”. No caso intrínseco das línguas de sinais, o



ato de dar um sinal a uma pessoa é conhecido por “batismo”. De acordo com Dalcin (2009, p. 34),

[o] ritual do batismo consiste na escolha de um sinal próprio que o nomeará na comunidade. Esse sinal é escolhido pelos membros da comunidade surda, podem ser vários membros ou um único, dependendo da situação. Os critérios para a escolha envolvem características físicas e/ou expressivas, acessórios utilizados e outros. Esse sinal é único na comunidade, ou seja, pode haver vários nomes iguais, mas nenhum terá o mesmo sinal.

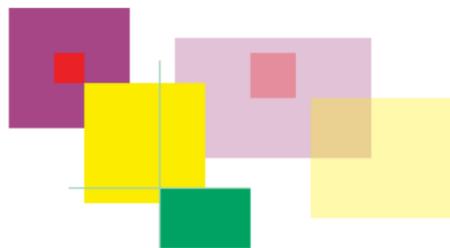
Na citação acima, a indicação de características físicas e demais são postas como a base para a produção do sinal de pessoa. Podemos observar, portanto, um “efeito de descritividade entre o nome e o nomeado para compor a nomeação” (Silva; Silva, 2021, p. 299).

Certamente, a produção de sinais enseja menos soletração de nomes, por exemplo, demandando menos tempo e esforço por parte do sujeito enunciador. Assim sendo, “os sinais-nomes das pessoas” (Vieira; Silva, 2020, p.221), continuam as autoras, “já convencionados pela comunidade dos surdos, são apresentados e utilizados, sem a necessidade de relacionar com o nome em língua oral”. Contudo, algumas vezes a produção do sinal de pessoa segue alguma relação com o nome na Língua Portuguesa. Como expõem Silva e Silva (2021, p. 289),

[...] o nome jurídico [é] regulado pela Língua Portuguesa e o sinal pessoal regulado pela Libras, é interessante observar que alguns sinais de pessoa inscrevem o sujeito nas duas línguas, no espaço enunciativo das duas línguas. O sinal constituído por parâmetros específicos da Libras, como movimento, é atravessado pela primeira letra do nome oficial, escrito em língua Portuguesa, o nome oficial para o Estado.

Seja como for a formulação de sinais de pessoa em Libras, nesse movimento, não há perda do nome jurídico², mas o sinal “captura o indivíduo, e o coloca como sujeito na comunidade surda” (Silva; Silva, 2021, p. 293). O sinal de pessoa particulariza e identifica o sujeito nessa comunidade (seja em âmbito nacional, seja internacional). Distinto do processo jurídico, a nomeação em uma língua de sinais pode contar com a participação do sujeito

2 O sujeito nomeado, em Língua Portuguesa, é identificado pelo nome próprio para e pelo Estado, no seu registro de nascimento.



nomeado, que pode aceitar ou não o sinal. Além disso, posteriormente, pode ocorrer um processo de renomeação, em que o sinal de pessoa é alterado.

Se nomear pode ser considerado como ato de “dar existência simbólica às coisas” (Fedatto, 2013, p. 111), nomear pesquisadores em Libras é dar existência simbólica em determinada situação sócio-histórica. Neste movimento de nomeação em Libras, por sua vez, Silva e Silva (2021), apontam que a atribuição de nome para sujeitos ocorre “no embate entre estar no espaço de enunciação que já tem um nome definido pelo Estado e a necessidade de um sinal para ser identificado pela comunidade surda” (p. 285). Trata-se, portanto, de um movimento entre-línguas, que apesar de serem ambas brasileiras, têm seu funcionamento marcado por historicidade diversa e pela divisão que a tensão do político instala nos “modos de dizer” (Guimarães, 2005) (n)essa língua.

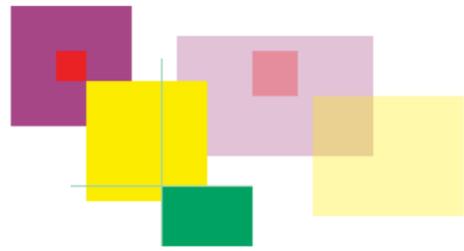
Ao consideramos, tal como os mostra Guimarães (2005), que os modos de dizer se encontram (sempre) distribuídos desigualmente no espaço de enunciação nacional, igualmente, é possível afirmar que os dizeres em Libras também são atravessados por tensão, embate e contradição. Afinal, “[o] sujeito da Libras está regulado pela língua da nação, mas se inscreve na materialidade da língua de sinais, de modalidade viso-motora, para poder sinalizar, para poder dizer” (Silva; Silva, 2021, p. 288).

Voltando à produção dos sinais de nome de pessoa em Libras, temos que

[c]omo o sujeito da Libras está também regulado pela língua do Estado, ele é nomeado, pela primeira vez, pelo locutor-pai, que o inclui no Estado, no espaço de enunciação de Língua Portuguesa. Mas, para *poder dizer* e *ser dito*, por outros surdos, no espaço onde a Libras funciona, ele é nomeado por um sinal pessoal. O nome, assim, um indício fundamental de que o sujeito da Libras se encontra continuamente atravessado/constituído enunciativamente e discursivamente pelas duas línguas – Língua portuguesa e Libras (Silva; Silva, 2021, 289 – grifo dos autores).

No que tange o sinal pessoal em Libras, Silva e Silva (2021) defendem que funciona como outro nome próprio para o sujeito, sem, no entanto, ter validade jurídica. Esse movimento de nomeação em Libras pode ser produzido por um sujeito surdo ou mesmo por uma coletividade de sujeitos surdos.

Devido ao crescente ingresso de estudantes surdos no ensino superior (tanto na graduação quanto na pós-graduação), o estabelecimento de sinais específicos pode não apenas dinamizar a interação entre os sujeitos, mas também minimiza a possibilidade de



verificar e apreender os nomes de pesquisadores de referência em determinada área de saber. Nessa direção, verificamos a produção de um número expressivo de dicionários em Libras, se comparado a outros momentos históricos.

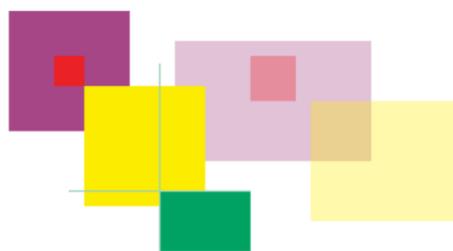
Ao se falar especificamente do dicionário, de seu processo histórico-discursivo de constituição, tem-se, de acordo com Nunes (2006) que

para a compreensão da história do dicionário, é preciso considerar suas técnicas básicas de elaboração, de modo que uma simples lista de palavras é vista como condicionadora daquilo que depois virá a ser um dicionário. O estudo da dicionarização implica em explicar os processos históricos que levam à formação desse objeto, bem como em mostrar o aparecimento e as transformações das práticas que permitem sua construção. (Nunes, 2006, p. 45).

Os dicionários - instrumentos linguísticos que também são objetos discursivos - podem ser considerados espaços de significação. Os dicionários em Libras (nomeados, muitas vezes, como sinalários, manuários) podem apresentar distintos domínios de saber, organizados por ordem alfabética, campo semântico ou ainda pelos parâmetros³ constitutivos dessa língua de sinais. Além disso, podem contar com imagens estáticas (desenhos ou fotos) acompanhadas por algum símbolo gráfico (setas retilíneas, onduladas, pontilhadas que apontam ou indicam uma direção de realização do sinal) ou por vídeos (indicados por links ou QR Code). Podemos nos interrogar se as videograções somente seriam uma forma de captação direta de uma cena enunciativa ou haveria alguma tecnologia linguística envolvida.

Peluso (2014; 2018; 2020) afirma que as videograções podem ser consideradas uma tecnologia da linguagem que, embora não sejam representacionais como a escrita, sob certas condições de produção, permitem a realização da textualidade. Ressaltamos que o processo de instrumentalização linguística das línguas de sinais é recente. Para o citado autor, as línguas de sinais não eram somente agráficas, mas também resistiam à aplicação das tecnologias de gramatização das línguas orais. Assim, Peluso (2018) sustenta que a tecnologia escrita não é a única capaz de produzir textos com as características atribuídas à escritura.

3 Parâmetros são componentes dos sinais, em geral, listados como: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões não-manuais.



Nesses termos, Peluso defende que, em se tratando de línguas de sinais, “[u]na lengua que discurre en el espacio parece que se adapta más a una tecnología como las videograbaciones, que permite su registro en todas sus dimensiones, que una tecnología representativa bidimensional como es la lengua escrita”⁴ (2014, p. 17). Em termos de novas tecnologias, a produção dos vídeos requer algum tipo de mídia (DVD, redes sociais, etc.). Desta feita,

En la actualidad se han desarrollado otras tecnologías, además de la escritura, que tienen la propiedad de producir textos permanentes y objetivados y que, por lo tanto, permiten diferirlos y archivarlos: las audio y viso-grabaciones. El desarrollo de estas tecnologías actuales pone en jaque la histórica idea de que la única forma de tener un texto permanente, tal como decían los latinos (*verba volant, scripta manent*), es exclusivamente mediante la escritura (Peluso, 2018, p. 48 – itálico do autor)⁵.

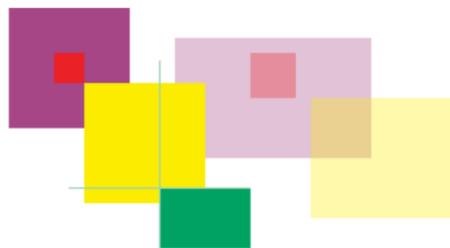
A textualidade diferida é, para Peluso (2018), é uma textualidade que se materializa por meio de um suporte tecnológico que separa enunciador de enunciação e, portanto, distanciado do momento de enunciação. Podemos defini-la, portanto, como uma tecnologia linguística que possibilita produzir textos que se afastam, por meio da tecnologia, de seu contexto de enunciação. Nessa perspectiva, complementa o autor, “los textos diferidos, que son permanentes y objetivados, podrían ser tanto los textos escritos como los textos audio o viso-grabados⁶” (Peluso, 2018, p. 50). Para sustentar tal definição, o referido autor argumenta que

La escritura es una tecnología representacional, las viso-grabaciones son una tecnología de registro. Representación y registro logran el mismo fin: fijar el texto y, por lo tanto, de generar textualidad diferida, pero se diferencian fuertemente en la forma en que lo hacen y en las consecuencias que tiene esto en el procesamiento del lenguaje y en la amplificación de las funciones metalingüísticas y metacognitivas. El hecho de ser una herramienta que registra

4 “Uma língua que flui no espaço parece estar mais adaptada a uma tecnologia como a gravação em vídeo, que permite que ela seja gravada em todas as suas dimensões, do que a uma tecnologia representativa bidimensional, como a linguagem escrita” (Tradução nossa).

5 “Atualmente, outras tecnologias têm sido desenvolvidas, além da escrita, que têm a propriedade de produzir textos permanentes e objetivados e que, portanto, permitem que sejam diferidos e arquivados: gravações de áudio e vídeo. O desenvolvimento dessas tecnologias atuais coloca em xeque a ideia histórica de que a única maneira de se ter um texto permanente, como diziam os latinos (*verba volant, scripta manent*), é exclusivamente por meio da escrita” (Tradução nossa).

6 “os textos diferidos, que são permanentes e objetivados, podem ser tanto textos escritos quanto textos gravados em áudio ou vídeo” (Tradução nossa).



los enunciados de la lengua, pero no los representa, produce relaciones diferentes de los hablantes con el texto diferido y con la propia lengua, a las que ocurren con el uso de los sistemas de escritura⁷ (Peluso, 2018, p. 49).

Baseados no pesquisador uruguaio, podemos dizer que, no âmbito da gramatização das línguas de sinais, em grande medida, observa-se “la paulatina migración de la exogramatización (Auroux, 1992), es decir, la descripción desde afuera de la lengua; hacia la endogramatización (Auroux, 1992), es decir, la descripción desde adentro de la lengua.”⁸ (Peluso, 2020, p. 32). Este ponto indica que as línguas orais deixam, paulatinamente, de serem tomadas como única língua de descrição.

Em confluência com as reflexões de Peluso (2014; 2018; 2020), buscamos realizar um sinalário de nomes de pesquisadores de AD e HIL. Contudo, antes caminhamos pelos sinalários já existentes, formulados em outras condições de produção, os quais apresentados a seguir.

2. Falando sobre sinalários de AD e HIL: pesquisas já realizadas

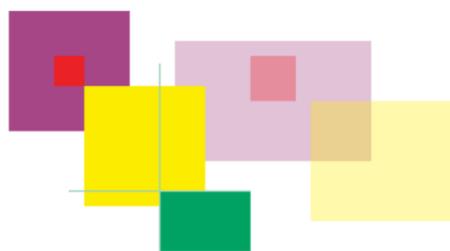
A pesquisadora Maraisa Lopes, professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), coordena uma equipe de trabalho que se volta à construção de um sinalário em AD. Na região norte, destacamos a pesquisa de mestrado de Magno Prates (Prates, 2020), defendida na UNIR⁹, a qual trouxe como contribuição um sinalário de autores e termos de AD/HIL.

Conforme exposto anteriormente, Lopes (2019; 2020) e Prates (2020) produziram dicionários (sinalários) das noções de AD em Libras. Tomando-o como um artefato de leitura,

7 “A escritura é uma tecnologia representacional, as gravações de vídeo são uma tecnologia de gravação. Representação e registro alcançam o mesmo fim: fixar o texto é, portanto, gerar textualidade diferida, mas diferem fortemente na forma como o fazem e nas consequências que isso tem no processamento da linguagem e na amplificação das funções metalingüísticas e metacognitivas. O fato de ser uma ferramenta que registra os enunciados da língua, mas não os representa, produz relações diferentes entre os falantes e o texto diferido e com a própria língua, àquelas que ocorrem com o uso de sistemas de escrita (Tradução nossa).

8 “a migração gradual da exogrammatização (Auroux, 1992), ou seja, a descrição de fora da língua; rumo à endogrammatização (Auroux, 1992), ou seja, descrição de dentro da língua” (Tradução nossa).

9 No norte do país, o professor Élcio Fragoso, líder do grupo de pesquisa GPeCheli da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), têm desenvolvido pesquisas importantes na área de Libras com pesquisadores surdos.

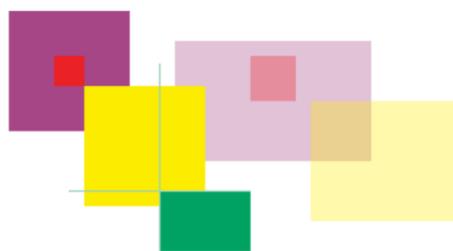


um dispositivo de interpretação, que se constitui em um observatório do confronto simbólico-político, conforme pontua Lopes (2019), “a produção de um instrumento linguístico, que permite a abertura da possibilidade de leituras da/sobre a análise de discurso de base materialista, pela comunidade surda brasileira” (Lopes, 2019, p. 222). Para a referida autora, o que estaria em jogo, nessa produção, seria um modo de metaforizar o lugar do sujeito surdo na universidade, nos cursos de graduação, em especial, o de Letras-Libras, na relação com as teorizações da Análise de Discurso e, completaríamos, da HIL.

Lopes (2020) salienta que, ao longo de suas aulas no Curso de Letras-Libras, percebeu-se que “o processo de leitura, de interpretação, estava de certo modo, sendo marcado por uma falta de construção/reflexão crítica acerca dos sinais que seriam usados para significar cada uma das noções” (Lopes, 2020, p.70) discutidas. Em consequência dessa premência, a pesquisadora da UFPI explica, ainda que parcialmente, o modo como se deu a construção de um sinalário de noções da Análise de Discurso em Libras.

1. pesquisa sobre a existência de sinalários próprios de AD; 2. observação da tradução/interpretação feita espontaneamente pelos intérpretes em sala de aula pela docente/pesquisadora; 3. conversa com os intérpretes que acompanhavam a disciplina; 4. conversa ampliada com alunos, intérpretes e docentes do curso de Letras-Libras sobre a necessidade de construção um artefato que pudesse mediar essa relação do sujeito surdo com a AD; 5. formação do grupo de pesquisa que se dedicaria a esse trabalho, incluindo-se alunos (surdos e ouvintes), intérpretes, docentes com experiência na área de tradução e Libras, docentes surdos e docentes/pesquisadores da AD; 6. discussão para a seleção das noções que comporiam o sinalário (novas inserções foram sendo feitas na medida própria em que nos colocávamos na relação teoria e análise); 7. discussão teórica sobre as noções; 8. discussão sobre o modo de textualização do sinalário; 8. seleção dos trechos teóricos que seriam apresentados no sinalário como referências para as noções; 9. oficina de discussão teórico-analítica das noções, produção e validação de sinais pelos membros do grupo; 10. organização de uma versão preliminar do sinalário; 11. socialização da versão com os intérpretes da disciplina para que eles pudessem fazer uso dos sinais convencionados durante a interpretação em sala de aula; e 12. validação pela comunidade surda dos sinais propostos/utilizados (que pôde ser observada ao notarmos que os alunos e intérpretes já faziam uso dos sinais durante as aulas e em outros eventos, tais como apresentações de trabalho de conclusão de curso, de projetos, e etc (Lopes, 2020, p. 72-73).

Por sua vez, segundo Prates (2020), sua proposta tem com um dos resultados a produção de um sinalário formulado com sinais específicos da Análise de Discurso, que é considerado um instrumento linguístico sobre a Libras, isto é, é um conhecimento produzido



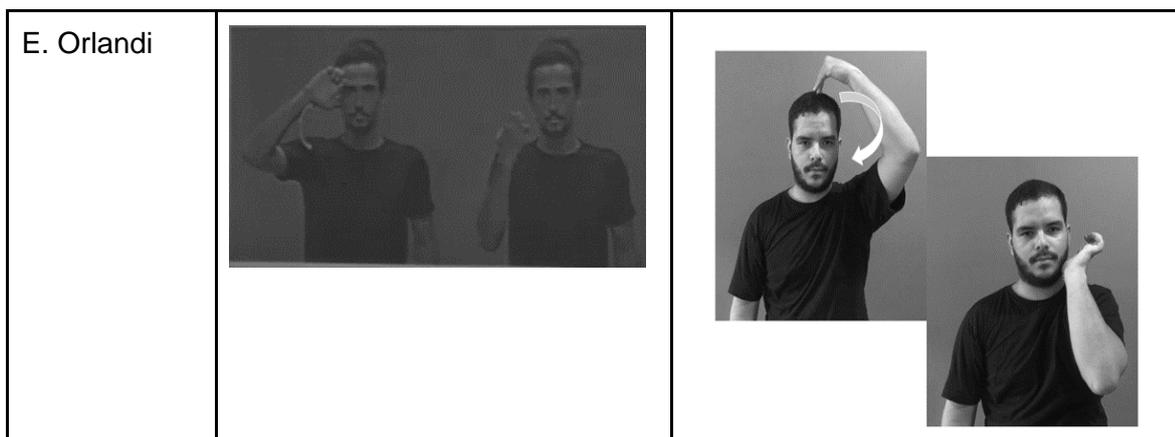
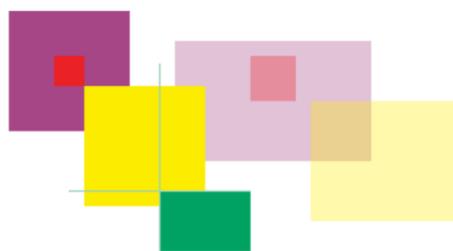
sobre esta língua, que tem uma realidade histórica. Por ser um pesquisador surdo, Prates (2020) justifica a produção de sinais por um incômodo e uma inquietação suscitados pela ausência de sentido (sem sentido):

A minha experiência, como surdo, na disciplina AD, sendo intermediado pelo gesto de interpretação de um intérprete de Libras, me impulsionou a conhecer mais profundamente sobre as formulações da AD, como também compreender a língua de sinais em sua fluidez. Percebia no gesto de interpretação do intérprete, mesmo em toda sua dedicação e esforço, não me trazia as formulações e noções do que constituía as especificidades da Análise de Discurso. Dessa forma, propus ao meu orientador e ao grupo GPeCHeLi esse desafio de construir um sinalário com sinais específicos da AD (p. 156).

Tanto o sinalário produzido por Lopes (2019, 2020) quanto o produzido por Prates (2020) são constituídos por sinais de noções e de sinais de nome (autores). Considerando o recorte operado neste artigo, inserimos, a seguir, o sinal dado ao filósofo francês Michel Pêcheux e à pesquisadora brasileira Eni Orlandi, tal como formulados e postos em circulação nos dois dicionários.

Quadro 1: Sinais de nome dado a M. Pêcheux e a Eni Orlandi

	Lopes (2019; 2020)	Prates (2020)
M. Pêcheux		



Os autores, 2024.

Como podemos observar no quadro, a formulação dos sinais – apesar de distintos – coloca em jogo a “atribuição de nome de pessoa para os sujeitos surdos, no embate entre estar no espaço de enunciação que já tem um nome definido pelo Estado e a necessidade de um sinal para ser identificado pela comunidade surda” (Silva; Silva, 2021, p. 290).

E indo além da distribuição de sinal de nome, consideramos “um sinalário de Análise de Discurso traz[endo] à tona o papel dos instrumentos linguísticos para a constituição de um dizer sobre a língua e, em sua extensão, um dizer sobre a AD” (Lopes, 2019, p.230). Para além de um sinal de nome, a circulação desses sinais coletados e inscritos em registro possibilita que esse instrumento seja tomado como “um objeto de consulta, numa obra de referência, à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber” (Lopes, 2019, p. 231). Dúvida ou desejo que pode atravessar tantos sujeitos: alunos, professores, pesquisadores, intérpretes.

Como contribuição para o registro de sinais de nome, incluímos o sinal do pesquisador francês Sylvain Auroux (figura 1), tal como realizado pela comunidade surda francesa. E também do pesquisador uruguaio Leonardo Peluso (figura 2), realizado pela comunidade surda uruguaia.

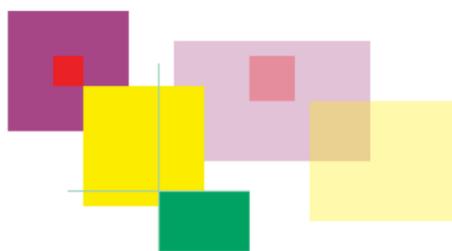


Figura 1: Sinal de Sylvain Auroux¹⁰



Os autores, 2024.

Figura 2: Sinal de Leonardo Peluso¹¹



Os autores, 2024.

Passamos, na próxima seção, a apresentar o modo de formulação dos sinais, assim como a maneira como, em um gesto arquivístico, construímos nossos procedimentos de coleta de sinais de pesquisadores já existentes. Além disso, passamos à montagem do sinalário de nomes de pesquisadores.

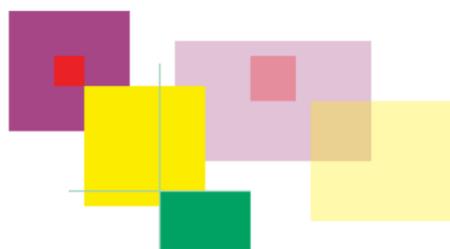
3. Procedimentos para a coleta de sinais já formulados e para a formulação de novos sinais

Em primeiro momento, realizamos uma extensa pesquisa que teve como base a coleta de produções de autores (surdos e ouvintes) que publicaram teses, dissertações e artigos acadêmicos com tema relacionado à língua de sinais e/ou aos sujeitos surdos a partir do referencial teórico da Análise de Discurso materialista (AD) e/ou da História das Ideias Linguísticas (HIL) publicadas até o ano de 2023.

A partir dessa coleta, iniciamos a apuração do sinal dos autores. Foram vários os caminhos percorridos. Um deles foi entrar em contato diretamente com os pesquisadores

10 Descrição do sinal: Mão direita (CM 44), tocando o queixo, movimento de frequência apenas uma vez. Acesso do vídeo: <https://youtu.be/ztQkz6FN7aw>

11 Descrição do sinal: Mão direita em L (CM 24) (na língua nativa o sinal de sorrir), tocando o queixo, movimento de frequência balançando. Acesso do vídeo: https://youtu.be/i6NITMw_PwU



listados por meio de e-mail e de WhatsApp. Foram recebidos sinais que os próprios autores responderam, com o sinal de pessoa utilizado por cada um deles. Por outra via, quando não foi possível encontrar alguma forma de comunicação com os autores listados, contatamos professores surdos de universidades em que há grupos de pesquisa em AD e/ou HIL. Assim, pudemos receber sinais de pesquisadores que, mesmo não trabalhando diretamente com a temática, já tinham recebido o sinal de batismo por ter, por exemplo, participado de bancas de mestrado e de doutorado de surdos. Por fim, foram formulados sinais para aqueles que ainda não tinham recebido o “batismo”, mesmo já tendo publicado artigos com autores surdos, por exemplo, ou por qualquer outra forma de inserção na comunidade surda.

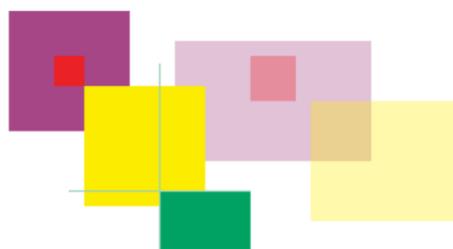
Em um segundo momento, foram organizados quadros com as seguintes entradas verticais: nome do pesquisador; o título da dissertação/tese ou artigo; indicação de nível/ano/instrução; e o referencial teórico. Foram arrolados sinais de autores/pesquisadores e cada registro ocorreu em 6 etapas, as quais descrevemos a seguir.

- 1) Os sinais dos autores inventariados foram divididos em dois grupos: A) composto por pesquisas de mestrado e doutorado sobre a temática em foco; B) por outros pesquisadores com distintas formas de relacionamento com a comunidade surda.

Grupo A: Juliana Pellegrinelli Barbosa Costa, Ângela Russo, Nilce Maria Silva, Patrícia de Campos Lopes, Priscila Costa Lemos Barbosa, Clevisvaldo Pinheiro Lima, Valdeny Costa de Aragão Campelo, Jackeline Cabral Loureiro de Almeida, Maria Norma Lopes Souza Silva, Elisandra Lourenço Perse, Magno Prado Gama Prates, Greice Kelly Nascimento Santos Costa, Geisymeire Pereira do Nascimento, Matheus Batista Barboza Coimbra, Ana Carolina Sales Oliveira e Ana Carolina Lovo Viana, Rogério Toscano da Silva, Priscila Pereira Marques.

Grupo B: Angela Corrêa Ferreira Baalbaki, Bethania Mariani, Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo, Claudia Regina Castellanos Pfeiffer, Debora R. Hettwer Massmann, Élcio Aloísio Fragoso, Lívia Letícia Belmiro Buscácio, Maraísa Lopes, Renata C. Bianchi de Barros, Vanise Gomes de Medeiros, Verli Fátima Petri da Silveira.

- 2) Os sinais foram divididos entre três pesquisadores surdos para a gravação dos mesmos.



- 3) Foram realizados o upload dos vídeos no Youtube, a criação do acesso e a vinculação do vídeo ao QR Code.
- 4) Os sinais foram descritos, seguindo a seguinte estrutura linguística: a configuração de mão, orientação, movimento, expressão corporal e facial e ponto de articulação. O número referente à configuração de mão foi fundamentado no material disponível no site do INES¹².
- 5) Foram publicados os sinais de autores validados no YouTube.
- 6) Por fim, foram registrados todos os sinais através de uma ficha com informações em português com a descrição, link de acesso ao vídeo do YouTube com a reprodução do sinal e o QR Code.

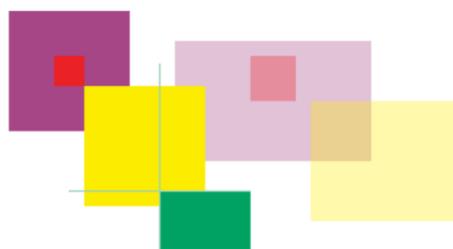
A pesquisa mostrou 29 sinais pesquisadores, sendo que destes apenas 11 sinais eram conhecidos. Os outros 18 sinais foram apresentados pelos próprios pesquisadores, respeitando os cinco parâmetros da Libras. Isso trouxe um resultado relevante, visto que a produção de sinais dos autores auxilia no esclarecimento de uma abordagem visual para sujeitos surdos.

Os sinais que se seguem foram organizados em dois quadros de maneira a facilitar a apresentação dos mesmos, contendo a descrição dos sinais formulados, além dos links e código QR Code que indicam o acesso aos vídeos da formulação de cada sinal.

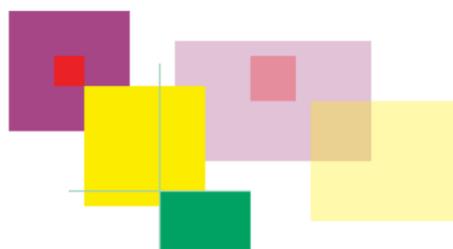
Quadro 2: Grupo A

SINAL DO(A) PESQUISADOR(A)	DESCRIÇÃO	YouTube / QR Code
Juliana Pellegrinelli Barbosa Costa	Mão direita em J (CM 65), tocando acima da orelha, movimento de cima girando para baixo e oscilando.	

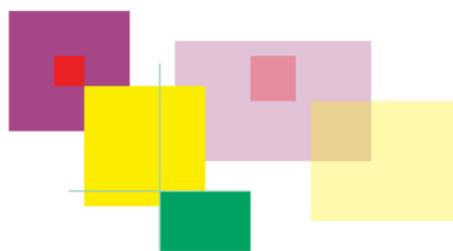
12 Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/todas-as-publicacoes/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>. Acesso em: 21 maio 2023.



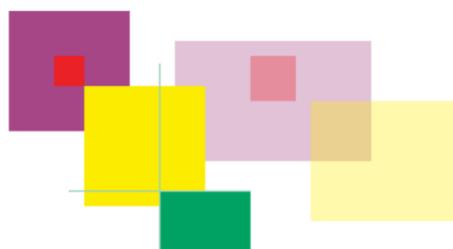
		<p>https://youtu.be/8ib4nkgX1PU</p>
<p>Ângela Russo</p>	<p>Mão direita em A (CM 67), tocando acima da orelha, com o dorso da mão para frente, repetição de movimento.</p>	<p>https://youtu.be/E63YghOHpi0</p>
<p>Nilce Maria Silva</p>	<p>Mão direita em U (CM 21), tocando acima da orelha, movimento de cima girando para baixo e oscilando.</p>	<p>https://youtu.be/LIbhBgrlyoA</p>
<p>Patrícia de Campos Lopes</p>	<p>Mão direita em I (CM 65), tocando acima da orelha, movimento de cima girando para baixo e oscilando.</p>	<p>https://youtu.be/d8HF_Lr-g8o</p>



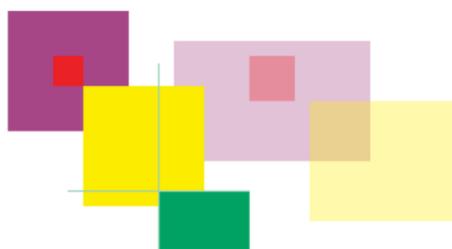
<p>Priscila Costa Lemos Barbosa</p> 	<p>Mão direita em P (CM 12), tocando o olho, movimento de frequência apenas uma vez.</p>	 <p>https://youtu.be/diEdrUln6AU</p>
<p>Clevisvaldo Pinheiro Lima</p> 	<p>Mão direita em L (CM 24) (na língua nativa o sinal de sorrir), tocando o queixo, movimento de frequência balançando.</p>	 <p>https://youtu.be/e6EhLht4u_U</p>
<p>Valdeny Costa de Aragão Campelo</p> 	<p>Mão direita em V (CM 54), tocando acima da orelha, movimento angular de cima girando para baixo.</p>	 <p>https://youtu.be/eFWNjd0TNt4</p>



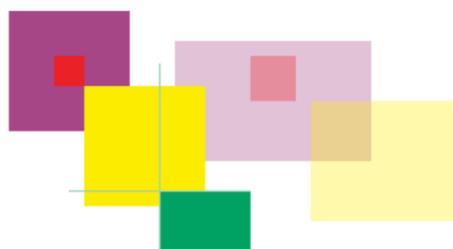
<p>Jackeline Cabral Loureiro de Almeida</p> 	<p>Mão direita em J (CM 65) para frente, em seguida dedos médio e mínimo fechados, polegar, indicador e médio esticados e separados (CM 26), para acima da cabeça, unindo as pontas dos dedos em movimento de pinça, para baixo.</p>	 <p>https://youtu.be/dm2R8W5diEs</p>
<p>Maria Norma Lopes Souza Silva</p> 	<p>Mão direita em 3 (CM 78), tocando o lóbulo da orelha, movimento balançando para frente e para trás.</p>	 <p>https://youtu.be/nHuC4r2kbDU</p>
<p>Elissandra Lourenço Perse</p> 	<p>Mão direita em P (CM 12), tocando a bochecha, movimento circular para a direita.</p>	 <p>https://youtu.be/wynFAkEk5AQ</p>

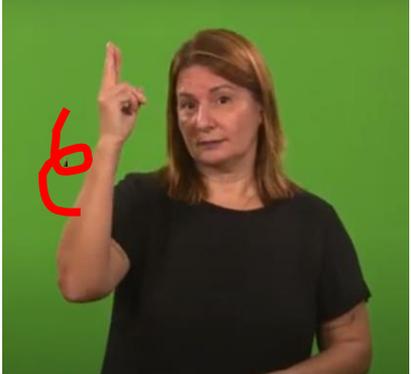


<p>Magno Prado Gama Prates</p> 	<p>Mão direita fechada com o polegar esticado (CM 7), tocando a testa, movimento retilíneo para cima.</p>	 <p>https://youtu.be/ITYVe_WmfZw</p>
<p>Greice Kelly Nascimento Santos Costa</p> 	<p>Mão direita em G e K (CM 10 e 12), tocando a bochecha.</p>	 <p>https://youtu.be/GkJRF4B0JOs</p>
<p>Geisymeire Pereira do Nascimento</p> 	<p>Mão direita em G (CM 10), para trás, tocando o pescoço, movimento, repetição de movimento.</p>	 <p>https://youtu.be/MzTio0BJP2w</p>



<p>Matheus Batista Barboza Coimbra</p> 	<p>Mão direita em 3 (CM 78), com o dorso da mão para a frente, tocando a testa, movimento esfregando do centro para direita.</p>	 <p>https://youtu.be/PaAs2MBvjI0</p>
<p>Ana Carolina Sales Oliveira</p> 	<p>Mão direita (CM 02) para trás, para acima da cabeça, tocando o pescoço, movimento, repetição de movimento.</p>	 <p>https://youtu.be/MtJEykXstwQ</p>
<p>Ana Carolina Lovo Viana</p> 	<p>Mão direita em 3 (CM 78), tocando acima da cabeça, movimento de cima girando para baixo e oscilando.</p>	 <p>https://youtu.be/uiuytwpU2aQ</p>

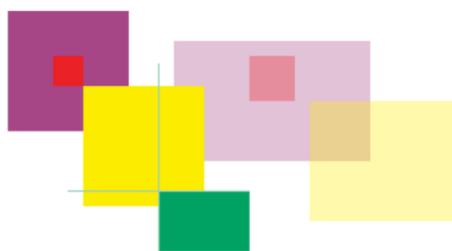


<p>Rogério Toscano da Silva</p> 	<p>Mão direita em R (CM 22), na língua nativa o sinal de alto, movimento helicoidal para cima.</p>	 <p>https://youtu.be/mvH52ILGqpc</p>
<p>Priscila Pereira Marques</p> 	<p>Duas mãos com a configuração em 13, na língua nativa o sinal de melancia, movimento semicircular.</p>	 <p>https://youtu.be/fV3c22Y40fo</p>

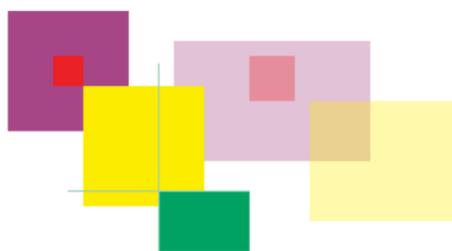
Os autores, 2024.

Quadro 3: Grupo B

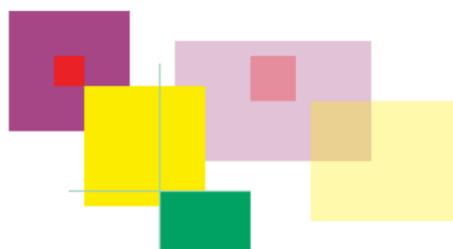
SINAL DO(A) PESQUISADOR(A)	DESCRIÇÃO	YouTube / QR Code
-----------------------------------	------------------	--------------------------



<p>Angela Corrêa Ferreira Baalbaki</p> 	<p>Mão direita com a configuração em 02, (na língua nativa o sinal de baixinha), movimento de mão para cima e para baixo.</p>	 <p>https://youtu.be/rGxNBDlvboo</p>
<p>Bethania Mariani</p> 	<p>Mão direita (CM 05), tocando acima da cabeça, movimento de cima girando para baixo e oscilando.</p>	 <p>https://youtu.be/Agsc9PMtdS0</p>
<p>Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo</p> 	<p>Mão direita (CM 06), com o dorso da mão para a frente, tocando a testa, movimento retilíneo, com a CM 08, mão direita fechada com movimento para cima.</p>	 <p>https://youtu.be/W_4-JroGfmY</p>
<p>Claudia Regina Castellanos Pfeiffer</p> 	<p>Mão direita (CM 14), com o dorso da mão para trás, tocando o topo da cabeça deslizando, com movimento retilíneo.</p>	 <p>https://youtu.be/AZHbCV9FiLs</p>



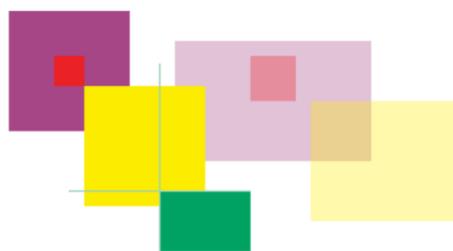
<p>Debora R. Hettwer Massmann</p> 	<p>Mão direita (CM 43), com o dorso da mão para trás, tocando a cabeça deslizando, com movimento retilíneo</p>	 <p>https://youtu.be/hOLguPdWYps</p>
<p>Élcio Aloísio Fragoso</p> 	<p>Mão direita em E (CM 71), com o dorso da mão para trás, tocando a têmpora, movimento circular do centro para frente.</p>	 <p>https://youtu.be/bspn86caJno</p>
<p>Lívia Letícia Belmiro Buscácio</p> 	<p>Mão direita em L (CM 24), tocando acima da orelha, movimento angular de cima girando para baixo.</p>	 <p>https://youtu.be/WFhIGYN3JFA</p>
<p>Maraísa Lopes</p> 	<p>Mão direita com a configuração em R (CM 22), no rosto abaixo da bochecha, movimento circular.</p>	 <p>https://youtu.be/gDO0pzQwnWM</p>



<p>Renata C. Bianchi de Barros</p> 	<p>Mão direita em R (CM 22), tocando o queixo, com repetição de movimento de mão para frente e para trás</p>	 <p>https://youtu.be/Pdh1XQG_uGQE</p>
<p>Vanise Gomes de Medeiros</p> 	<p>Mão direita em V (CM 54), com o dorso para trás, tocando o topo da cabeça deslizando, com movimento retilíneo.</p>	 <p>https://youtu.be/fgPAEVO_uzk</p>
<p>Verli Fátima Petri da Silveira</p> 	<p>Mão direita em V (CM 54), com o dorso da mão para trás, tocando o olho deslizando, com movimento retilíneo.</p>	 <p>https://youtu.be/tHEskoLV4s</p>

Os autores, 2024.

Essa forma de registro (uma textualidade diferida) foi pensada para facilitar o acesso aos recursos, como uma nova opção de busca utilizada, a saber, o QR Code que dá acesso ao link do YouTube. A visualização do vídeo permite reconhecer os cinco parâmetros da Libras, como a configuração de mão, orientação, movimento, ponto de articulação e expressão facial e corporal.



Considerações finais

Sabemos que os alunos surdos, que ingressam no ensino superior, enfrentam desafios e barreiras linguísticas. Se no espaço de enunciação da universidade brasileira, dito de outra forma, se “a língua de sinais não circula, também esse espaço não lhe pertence” (Vieira; Silva, 2020, p. 232). O sujeito surdo é, muitas vezes, silenciado nesse espaço de enunciação.

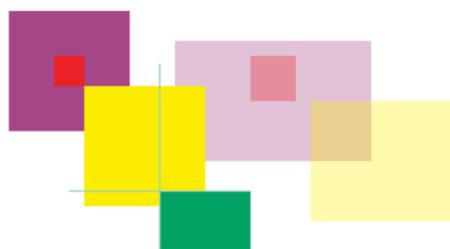
Como uma forma de tentar dirimir tal condição, foi feita uma busca que acabou por apontar grande dificuldade em localizar os sinais de pesquisadores voltados à Análise de Discurso e à HIL, pois ainda existem pouquíssimos sinais formulados nessas áreas. Por isso, foi necessário o registro desses sinais para que pudessem ser disseminados. Destacamos, contudo, que “o sinal promove, no e para o sujeito, um duplo estatuto, marcado pelos dois nomes, dois modos de identificação pessoal, em processos de nomeação distintos, na língua oral e na língua de sinais” (Silva; Silva, 2021, p. 300).

Após o percurso realizado para a produção de um sinalário de nomes de pesquisadores das áreas de AD e HIL, podemos considerar que os sinais fazem parte de um movimento que apoia a comunidade surda acadêmica, defendendo e valorizando a língua de sinais. A ampla divulgação desses sinais trará grande contribuição, visto que se torna possível a utilização dos sinais para que pesquisadores surdos possam fazer circular dizeres relacionados à temática pesquisada. Ademais, para os intérpretes, esses sinais irão contribuir no processo de tradução de textos que serão gravados em vídeo.

Cabe frisar, que o sinalário aqui apresentado, pela própria condição de incompletude e finitude de qualquer instrumento linguístico, não representa a totalidade de sinais pesquisadores das duas áreas. Por fim, retomamos Lopes (2019, p.234), ao afirmar que “[e]speramos que os sujeitos surdos saiam dos processos de reprodução mnemônica e passe a uma reprodução histórica”.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a língua brasileira de sinais- Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: Casa Civil, 2002.



DALCIN, G. **Psicologia da Educação de Surdos**. Curso de licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2009.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da língua de Sinais Brasileira: uma proposta Lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

FEDATTO, C. P. Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo designativo**. Campinas: Pontes, 2005.

LOPES, M. Da AAD-69 ao sinalário: leituras da/sobre a Análise de Discurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 222-237, 2019.

LOPES, M. Sinalário de análise de discurso materialista: de uma escuta analítica a um artefato de leitura. In: DIAS, C. P. C.; COSTA, G. C.; BARBAI, M. A. (Org.). **Artefatos de Leitura**. Campinas: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020, p. 69-81.

NUNES, J. H. Nomenclatura de dicionário e redução da hiperlíngua brasileira. *Histoire Épistémologie Langage*. **Histoire Épistémologie Langage (Imprimé)**, v. 28, n. 2, p. 63-84, 2006. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_2_2883 Acesso em: 17 jun. 2017.

PELUSO, L. Textualidad diferida y videgrabaciones en LSU: un caso de política lingüística. **Revista digital de Políticas Lingüísticas**. Año 6. Volumen: 6 (16-37), Setiembre 2014.

PELUSO, L. Los Sordos, sus lenguas y su textualidad diferida. **Traslaciones: Revista latinoamericana de Lectura y Escritura**, v. 5, n. 9, p. 40-61, 2018. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>. Acesso em: 05 mar 2024.

PELUSO, L. Linguística e gramatização da Língua de Sinais Uruguaia: contextualização, historização e discussão de seus alcances. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 26, p. 26-38, 2020.

PRATES, M. P. G. **Política linguística: análise discursiva da legislação como instrumento político para o sujeito surdo**. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020.

SILVA, N. M.; SILVA, B. B. Funcionamento discursivo e enunciativo do sinal de pessoa para a comunidade surda. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 24, p. 285-303, 2021.

VIEIRA, M. P. V. P.; SILVA, N. M. A nomeação da cidade em Libras: uma abordagem enunciativa. **Revista Ecos**, v. 28, p. 211-237, 2020.

Submissão: 20/05/2024

Aceite: 03/07/2024